

A novela do horário nobre mostra assassinatos, corpos ensanguentados, tragédias, cenas de estupro, de agressão contra mulheres e crianças. O que faz desse veículo de comunicação e entretenimento poder mostrar essas imagens sem que o público em geral se revolte contra elas? Apenas a escola educa e por isso é seu dever não mostrar esse tipo de imagem? Ou a TV, a Internet, e outros meios também tem potencial pedagogizante?

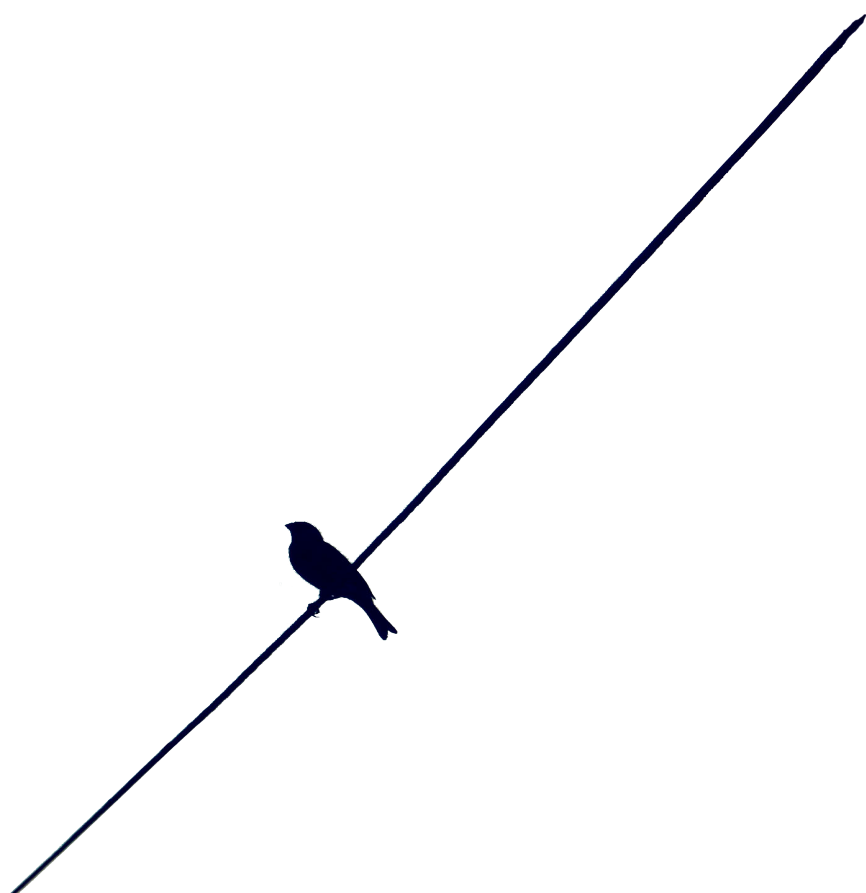
Imagens polêmicas da novela e de produções contemporâneas em arte poderiam habitar o universo da escola inaugurando novos olhares sobre elas? “A Educação da Cultura Visual compreende que os regimes discursivos interferem e estão imbricados com os processos de fabricação, divulgação e recepção de todas as imagens” (NASCIMENTO, 2011, p. 214). Como nos relacionamos com esses regimes e quem somos nós, professores e alunos, nesses processos de fabricação, divulgação e recepção das imagens? Se a nova linguagem das imagens fosse usada de modo diferente, ela poderia, por meio de seu uso, conferir um novo tipo de poder (BERGER, 1999, p. 35).

Percorrendo os espaços do mapa que abriu este capítulo, foi possível trazer à discussão as diferentes situações encontradas durante o período de investigação, dos pontos de vista dos participantes, dos regulamentos e de sistemas que se conformam nesses espaços de formação.

Os posicionamentos dos colaboradores permitiram que a pesquisa se desenhasse dessa forma, estabelecida em aspectos que contemplaram a formação inicial docente em artes visuais, as questões acerca dos ateliês e pontuações referentes ao espaço escolar.

Meu olhar sobre a investigação que se modifica a cada etapa, trouxe para este capítulo, a partir do material produzido, outras percepções e novas possibilidades de deslocamentos no mapa. Assim, pude rever alguns aspectos presentes nas entrevistas e realocá-los, reconfigurá-los ao passo em que ia buscando por outras posições.

Sigo adiante, tendo atravessado os caminhos habitados durante esse período e buscando encontrar uma direção que me leve ao fechamento dessa etapa. Um fechamento que não se tem por acabado, mas que se considere pulsante, aberto a outras inquietações.





AVISTANDO UMA PORTA

DE SAÍDA? DE ATRAVESAMENTO? DE CHEGADA?

O começo do texto do fim não é mais fácil que o começo do texto do início. O início é cheio de proposições, de aspirações daquilo que se quer com a pesquisa. A chegada do fim está contaminada pelo meio. Está carregada de bagagens que ao longo do caminho foram se acumulando, fossem bem vindas ou não.

Tenho apego às coisas, às pessoas, a objetos e sinto dificuldade em exercitar o desapego. Com relação a essa bagagem que vim agregando, tampouco quero me livrar. Portanto busco fazer dela, repertórios para minha vida. E sendo repertórios, sinto a liberdade de entendê-los fluidos, movediços, entrecruzantes.

Esse exercício de finalizar propõe um reencontro com os vários eus, eles e nós que estiveram presentes nesse caminho. Reencontro que sugere (re)ver, (re)pensar, (re)avaliar e (re)inventar cada etapa realizada, cada chão, parede e espaços vazios ou cheios desse labirinto ao qual percorri.

Em todo labirinto, espera-se chegar à porta de saída. Mas a grande descoberta que a pesquisa me proporcionou foi que no labirinto que adentrei não havia uma porta de saída, mas várias. Cada uma delas contemplando possibilidades dependentes do caminho trilhado.

O caminho que trilhei não foi definido apenas por escolhas minhas. Não segui somente meus instintos. Ao abrir espaço para oito colaboradores, o trajeto dessa investigação foi se delineando de maneira que nem sempre era de comum acordo dobrar à direita ou à esquerda.

